

## SUMARIO

<b>EDITORIAL</b> .....	<b>139</b>
<b>ENSAIOS</b>	
METODOLOGIAS QUALITATIVAS: USOS E POSSIBILIDADES <b>HAGUETTE, TEREZA MARIA FROTA</b> .....	<b>141</b>
MODALIDADES ESPORTIVAS: INTRODUÇÃO A UMA METODOLOGIA ALTERNATIVA <b>OLIVEIRA, IARA R.D.; MOCKER, MARIA CECÍLIA &amp; DIB, MARCIA.</b> ..	<b>161</b>
MODO DE PRODUÇÃO, CULTURA, ESCOLA E CURRÍCULO: UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA <b>CRUZ, BEATRIZ MÂNICA P. DA</b> .....	<b>169</b>
ERROS EM TESTES E MEDIDAS <b>SANPEDRO, RENAN M. F.</b> .....	<b>181</b>
INICIAÇÃO DESPORTIVA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA <b>CHIVIAKOWSKY, SUZETE &amp; MATTOS, MAURO GOMES DE</b> .....	<b>189</b>
RECONSTRUINDO UM MUNDO LÚDICO <b>SANTIN, SILVINO</b> .....	<b>195</b>
<b>PESQUISAS</b>	
CARACTERÍSTICAS FÍSICAS E DESEMPENHO EM CERTOS TESTES FÍSICOS DE JOVENS ATLETAS DE CORRIDA <b>ANJOS, LUIZ ANTONIO &amp; ADRIAN, MARLENE J.</b> .....	<b>207</b>
VARIABILIDADE DE PRÁTICA E A PRODUÇÃO DE NOVOS MOVIMENTOS: UM TESTE À TEORIA DE ESQUEMA <b>TEIXEIRA, LUIZ AUGUSTO</b> .....	<b>221</b>
A TRANSFERÊNCIA ENTRE AS MODALIDADES DE RETROALIMENTAÇÃO VISUAL E PROPRIOCEPTIVA NA APRENDIZAGEM DE UMA DESTREZA MOTORA <b>MATTOS, NELSON DAGOBERTO DE</b> .....	<b>235</b>

ESTUDO COMPARATIVO DA FLEXÃO MÁXIMA DA ARTICULAÇÃO DA ANCA  
NAS VARIANTES FORMAL E NATURAL DA TÉCNICA DE BRUÇOS

**VILAS-BOAS, J. PAULO** ..... 251

INFLUÊNCIA DA ESTRUTURAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL NA AQUISIÇÃO DE  
UMA DESTREZA MOTORA DO VOLIBOL

**HORAES, JOSÉ CÍCERO** ..... 267

**LIVROS** ..... 291

## EDITORIAL

\*CECY FUNCK RUBIN

A nova Constituição, depositária de tantas esperanças e alvo de tantas críticas, está aprovada. Será que a simples mudança de uma carta constitucional poderá reverter a situação sócio-político-econômica e cultural de nosso país? Ou serão necessários uma conscientização geral e um firme propósito de modificação? A função básica da legislação seria criar a importância das coisas ou, simplesmente, consagrá-las?

Sempre é útil lembrar que, sejam quais forem as questões, não basta apenas tomar consciência no sentido de informar-se sobre determinado fato. É necessária uma conscientização fortemente atrelada à decisão de praticar as transformações propostas. Nesta perspectiva, entende-se que o ato de informar-se sobre os pequenos avanços sociais contidos na Constituição não garante, necessariamente, qualquer alteração no atual modelo teórico-prático de nossa sociedade. Mesmo porque, analisando-se o conjunto das propostas constitucionais, percebe-se claramente que ele não traz consigo qualquer tentativa de ultrapassagem desse modelo social.

O importante, neste momento, é refletirmos fundamentalmente sobre a imensa distância que separa a intenção e o ato. A simples intenção de se fazer e/ou alcançar alguma coisa, divorciada do ato criador, é totalmente vazia. Da mesma forma, o ato criador puro e simples, sem qualquer reflexão, transforma-se numa realização mecânica. Assim, para que o ato torne-se a intenção materializada, e vice-versa, é indispensável que a sociedade civil se organize, reflita, crie e pratique as transformações que lhe interessam. Da mesma forma, a Educação Física. Para que ela materialize os objetivos propostos por uma imensa gama de professores ("A Educação Física colabora na formação do ser humano integral", "O desporto é educativo e contribui para a socialização do aluno", etc.) e se caracterize como Educação, intenção e ato devem ser indissociáveis.

\* PROFESSORA ADJUNTA DO DEPARTAMENTO DE DESPORTOS COLETIVOS - PRESIDENTE DA COMISSÃO EDITORIAL - CEFD/UFSC

## EDITORIAL

A Comissão Editorial desta revista tem a penosa incumbência de comunicar aos seus leitores o falecimento de sua presidente, a Prof<sup>a</sup> Cecy Funck Rubin.

Esta revista nasceu com a professora Cecy, que a ela dedicou-se com todo o amor, com toda a garra daqueles que acreditam no alcance humano dos seus objetivos. A revista, para ela, significava a obtenção de um espaço de luta para a melhoria da formação do professor de Educação Física, alicerçado na consciência de sua responsabilidade moral e política. O diálogo, através das publicações seria uma das formas de possibilitar uma nova visão da Educação Física na qual o profissional competente é visto como um agente capaz de contribuir com a sua ação para a transformação da sociedade e humanização do homem. Esta forma de ver a Educação Física impregnava a sua prática como educadora, que se revestia de autenticidade de plena harmonia de ser e pensar.

A sua perda é inestimável, não somente pela continuidade dos ideais e propósitos desta revista e pelo sentido de sua prática pedagógica, mas também pela falta enorme de sua presença amiga entre a sua família e entre nós, seus colegas e amigos.

A carta que sua filha enviou aos colegas do CEFD, três dias após a sua morte, a descreve tão bem como pessoa humana e como profissional, que decidimos publicá-la nesta revista, para que os nossos leitores compreendam a dimensão desta perda e ao mesmo tempo o quanto a sua presença permanecerá entre nós, através de suas idéias e de seu exemplo.

## METODOLOGIAS QUALITATIVAS: USOS E POSSIBILIDADES

\* TEREZA MARIA FROTA HAGUETTE

## 1. INTRODUÇÃO

O pesquisador da área das ciências do homem frequentemente se defronta com duas aparentes antinômias por ocasião da escolha de seus métodos de pesquisa: 1) Que métodos escolher, os chamados qualitativos ou os quantitativos? e 2) no caso de optar pelos qualitativos, o que adotar, a pesquisa participativa ou outro método? De-sejo encaminhar a discussão no intuito de mostrar que estas antinômias são faltas, não representando problema maior para o investigador esclarecido.

## 2. MÉTODOS QUALITATIVOS VERSUS MÉTODOS QUANTITATIVOS

Abundam na literatura especializada as referências maniqueístas à suposta oposição entre as metodologias qualitativas e as metodologias quantitativas. Colocado nestes termos o pesquisador arrisca-se a enveredar por uma escolha de matizes ideológicos que, necessariamente, irá subtrair dela os frutos de sua opção que poderia ser mais racional e efetiva.

Em primeiro lugar devemos ter em mente - e isto é válido para 1 e 2 - que o tipo de metodologia não é decidido a esmo, mas depende da natureza do Problema da Pesquisa que o investigador elegeu. Assim sendo, existem problemas que não podem ser abordados qualitativamente. Por exemplo: a) Pesquisa de opinião (surveys) que envolvem um grande universo e que têm por finalidade a comparabilidade de in-

---

\* PROFESSORA TITULAR DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E FILOSOFIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

- TRABALHO APRESENTADO NO IV SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA, DE 10 A 12 DE DEZEMBRO, SANTA MARIA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, RS, 1987.

formações específicas. Seu instrumento de coleta de dados por excelência é o questionário com a grande maioria das questões "fechadas". Se por um lado, o survey atinge um alto grau de generalização - capacidade de extrapolação dos resultados da amostra para o universo -, por outro, ele oferece poucas chances de captação dos aspectos subjetivos que necessariamente influenciaram as opiniões em apreço.

b) Certas análises de conjuntura ou histórico-estruturais que não podem prescindir dos dados agregados dos mais variados tipos (populacionais, educacionais, econômicos, políticos, etc.) e fontes (IBGE, INCRA, TRE, Bancos) que serão vistos seja de forma sincrônica (conjuntura), seja diacrônica (histórico-estrutural (1) e mais, dentro de marcos teóricos que podem se situar entre o marxismo, ortodoxo ou não (conflitual) e a teoria da modernização de corte estrutural-funcionalista (consensual). Em suma os macros-fenômenos sociais.

Outros problemas de pesquisa já não se prestam a análise quantitativas : a) Os estudos históricos, ou análises do "fato único" que, embora se utilizem, de forma subsidiária, de dados agregados (quantitativos) não é neles que se detém na reconstituição do passado, mas nos documentos, nos depoimentos (2), nos relatos da época e em outras evidências qualitativas disponíveis que induzam à compreensão de sua especificidade única, irreproduzível, irrepitível; b) As análises que envolvam o apelo à ação social individual ou grupal. Aqui, não há como eximir-se da escolha de uma metodologia qualitativa. Os dados que exprimem estados psicológicos, níveis de consciência, representações e visões de mundo (ideologias), imaginários, "definições de situação", atitudes, emoções e sentimentos, etc., só podem ser captados através de instrumentos de coleta que coloquem o informante à vontade para falar livremente, em condições de desinibição e sem constrangimento, com tempo suficiente para "clarear às idéias" e verbalizá-las. Aqui, não é somente "o dito" que é relevante, mas o "não-dito", as pausas, as entonações, as expressões faciais do informante, suas contradições e reservas. As ciências sociais dispõem de vários instrumentos de coleta, dos quais o fundamental e indispensável neste caso é a Observação Participante (3). Também a entrevista (4) e a História de Vida podem se usadas com

muito proveito, concomitantemente.

c) Análises comparativas de componentes e estruturas sociais complexas, ou pesquisas das Homologias Estruturais a que já se referia Durkheim nas Regras do Método Sociológico (6). Um tipo de pesquisa desta natureza raramente poderia interessar ao pesquisador individual pelas dificuldades e custos envolvidos. São ressaltados os aspectos qualitativos numa perspectiva ideal-típica, em um primeiro momento, para, em seguida, estabelecer-se as comparações na busca de parentescos entre as estruturas.

d) Um último exemplo de pesquisa qualitativa é a análise funcional, não só na antropologia como na sociologia. Ao contrário do que muitos pensam, baseados em clichês e estereótipos, a análise funcional não é quantitativista. Ela é qualitativa e incide sobre os aspectos estáticos da vida social sendo útil quando se lida com problemas de curto prazo (alguns anos), ou seja, na linguagem de Florestan Fernandes (7), "quando envolve um modelo lógico completo, (que) opera só com uniformidade de coexistência" (p. 102, grifos nos sos) onde o interesse do investigador reside na persistência das causas de alguns fenômenos. Por outro lado, quando se trata de "relações de seqüência" e de "uniformidades de seqüência" é mais adequado o método dialético. As análises funcionais são instrumentais e podem ser usadas por marxistas e não marxistas. Florestan aproveita para citar exemplos de análises funcionais elaboradas por Marx em O Capital: quando Marx "projeta o tempo de trabalho necessário para a reprodução do trabalhador e o produto produzido, o que está em jogo não é uma análise dialética, porém uma análise estrutural-funcional. A seguir, interpretativamente, ele elabora dialeticamente as descobertas dessa análise, incorporando-as nos dinamismos de uma ordem social fundada no antagonismo das classes" (p. 104). Da mesma forma fizeram Lenin, Lukacs e Mannheim (8). Ele afirma ainda que "hoje se condena de maneira preconceituosa e dogmática toda espécie de análise funcional. Todavia, eu duvido que alguém possa tratar as relações sincrônicas de uma perspectiva dialética. Ou falsifica a dialética, ou falsifica as relações sincrônicas. Não há talento que resista a esta prova. Ou, então, a análise dialética não é uma tentativa de explicar a transformação da sociedade, é uma tentativa de mistificar" (p. 87).

Do exposto, podemos extrair alguns pontos que valem como resposta ao primeiro propósito referido no início do presente trabalho: desmistificar a falsa antinomia entre métodos qualitativos e quantitativos.

Não existe oposição antagônica entre os métodos quantitativos e qualitativos. O que preside a escolha do método é a natureza do problema de pesquisa. Aquele é sempre subserviente a este e não o contrário. Ambos são bons e representam boas escolhas quando se adequam ao problema. Nada mais. Além do que foi dito, entra-se no campo do preconceito e da ideologia...

### 3. PESQUISA PARTICIPANTE E OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Antes de entrar no assunto, desfaçamos alguns malentendidos: a) Pesquisa Participante e Observação Participante são duas coisas distintas; b) não é lícito considerar a Pesquisa Participante entre as diferentes opções que se colocam dentro do método científico pois ela não só se pretende uma alternativa a este como é de natureza diferente.

#### 3.1 A Observação Participante

A Observação Participante é uma técnica (ou método) de captação de dados, segundo os antropólogos, criado por Marlinowski nas primeiras décadas de nosso século na tentativa de entender a lógica das sociedades primitivas (9) e, segundo os sociólogos, iniciada pela escola de Chicago na década de vinte (10) e preocupada com a busca dos "sentidos", das "definições" e das "ações" que indivíduos e grupos elaboram em sua interação cotidiana. A Observação Participante, desde 1924, quando foi pela primeira vez definida (11) tem percorrido um processo constante não só no aprimoramento de suas técnicas como esforço do controle dos vieses. A definição que me parece mais correta e completa é aquela de Morris S. Schwartz e Charlotte Green Schwartz (12).

Para nossos fins, definimos observação participante como um processo no qual a presença do observador numa situação social é mantida para fins de investigação científica. O observador está em relação

face a face com os observados e, em participando com eles em seu ambiente natural de vida, coleta dados. Logo, o observador é parte do contexto sob observação no qual ele ao mesmo tempo modifica e é modificado por este contexto. O papel do observador participante pode ser tanto formal como informal, encoberto ou revelado: o observador pode dispensar muito ou pouco tempo na situação da pesquisa; o papel do observador participante pode ser uma parte integral da estrutura social, ou ser simplesmente periférico com relação a ela.

Constata-se, pois, que a observação participante se distingue das outras técnicas de coleta de dados, especialmente pela exigência de um intenso período de interação social entre pesquisador e informantes nos locais de vida destes. É mergulhando na vida do povo que os aspectos "qualitativos" de suas experiências serão registradas, analisadas e compreendidas. Aqui, as relações entre variáveis definidas abstratamente não têm relevância. Conforme esclarece H. S. Becker, os sociólogos:

tentam fazer a sua pesquisa teoricamente significativa, mas partem da idéia de que não sabem a priori o suficiente sobre a organização para identificar os problemas relevantes e hipóteses; que precisam descobri-los no decorrer da pesquisa. Apesar da observação participante poder ser usada para testar hipóteses a priori... não é isso que acontece geralmente. Refiro-me nessa discussão ao tipo de estudo que, empregando a observação participante, procura tanto descobrir hipóteses como testá-las (13).

Bruyn (14) tenta definir alguns axiomas e corolários que devem reger o papel do observador participante dentro de uma abordagem que encare a observação participante, não como uma técnica de coleta de dados, mas como uma metodologia, isto é, do ponto de vista de "seus princípios e filosofia, como uma orientação básica para o estudo da sociedade humana" (15).

**Axioma 1:** o observador participante compartilha da vida ativa e dos sentimentos das pessoas em termos de relação face a face.

**Corolário:** o papel do observador participante requer ao mesmo tempo despreendimento e envolvimento pessoal.

Axioma 2: O observador participante é uma parte normal da cultura e da vida das pessoas sob observação.

Corolário: o papel científico do observador participante é interdependente com seu papel social na cultura do observado.

Axioma 3: O papel do observador participante reflete o processo social de vida em sociedade.

Por causa do alto nível de exigência que este método coloca o investigador são tem condições de abranger pequenos grupos que envolvam, no máximo vinte e cinco informantes.

No sentido de fornecer detalhes sobre "como fazer" uma observação participante, tentei coligir, a partir de Bodgan e Taylor (16), algumas pequenas regras que me parecem extremamente importantes para que se realize um bom trabalho de campo:

### 3.2 A Operacionalização da Observação Participante

#### 3.2.1 O Que Dizer aos Informantes

- a) Dizer a verdade.
- b) Não é necessário entrar em detalhes sobre a substância e/ou interesses teóricos da pesquisa.
- c) Não é preciso explicar o grau de precisão com que as notas são tomadas.
- d) Enfatizar que o interesse da pesquisa não se centra neles ou naqueles lugares especificamente, mas, de modo geral, em grupos como eles ou locais daquele tipo.
- e) Explicar os propósitos da pesquisa com palavras simples; o jargão científico pode amedrontá-los.
- f) A identificação de si próprio como estudantes é sempre simpática.
- g) A regra geral é ser honesto, porém vago e impreciso.
- h) Em alguns casos é necessário pedir permissão para pesquisar no local.
- i) Algumas vezes os responsáveis (cães de guarda) exigem uma contrapartida em troca da permissão, por exemplo, conhecer os resultados ou o que foi dito e por quem.
- j) É importante que não se aceite barganhas que não podem ser cumpridas.

- l) Nunca denunciar o que viu e ouviu; a regra da confiabilidade deve sempre prevalecer. Nunca se deve violar o anonimato dos informantes comentando com outros não vinculados à pesquisa.
- m) O uso de pseudônimo nas notas de campo é às vezes aconselhável.

### 3.2.2 A Integração Social em Campo

- a) Muitas regras usadas na observação correspondem às regras diárias usadas em qualquer interação social.
- b) Um bom desempenho, em termos de criar empatia, é sempre um pré-requisito de um trabalho significativo.
- c) O observador participante deve se expor a seus informantes de forma a tornar-se familiar com eles, despertar confiança e sentir-se à vontade em sua presença.
- d) Uma boa regra a seguir na fase inicial do trabalho de campo é não desafiar o comportamento ou as afirmações dos informantes ou fazer perguntas que possam colocá-los na defensiva.
- e) Os informantes devem ser imediatamente informados que seus nomes não constarão das notas e que nada do que foi dito por eles será relatado a alguém.
- f) Nos primeiros contatos com o campo os observadores muitas vezes se sentem sobrecarregados com o grande volume de informação diante deles. Uma forma de regular o curso da informação é limitar o período de cada visita a meia ou uma hora.
- g) A observação só é vital quando pode ser lembrada e anotada. Não demore em campo se você não for capaz de lembrar o que viu e ouviu se não tiver tempo de escrever suas notas de campo.
- h) Sentir-se desconfortável nos primeiros dias de trabalho de campo é natural. É entretanto essencial que se procure interagir com os informantes.
- i) Você deve dar a impressão de que o informante sabe mais do que você - o que é verdade - sobre o que se passa no local.
- j) Tente provocar convite para reuniões, ou outras atividades que são ocasiões importantes para conhecer-se o funcionamento dos grupos.
- l) O pesquisador deve ter vivacidade suficiente para não deixar que certas definições a seu respeito o forcem a assumir um pa-

pel não desejável para o desenrolar da pesquisa.

- m) Não deixe que os informantes decidam com quem você deve falar, o que deve falar e onde deve observar.
- n) É importante que o observador selecione os próprios locais que deseja observar assim como e quando deve fazê-lo. O local deve ser observado nas mais variadas ocasiões.
- o) O observador deve tentar "misturar-se" ao próprio local, tentando não chamar atenção.
- p) O informante deve sentir que o observador participante não censurará nem reprovará o que ouviu.
- q) Deixar os informantes falarem livremente sobre o que têm em mente. Não tentar corrigir certas crenças que você talvez ache erradas.
- r) Uma boa maneira de entrar em contato com os informantes é iniciar pelo que há em comum entre você e eles.
- s) Em caso de situações conflitantes, não tomar partido.
- t) Um aspecto importante da participação é familiarizar-se com a linguagem dos informantes. Os pesquisadores devem iniciar como premissa que palavras e símbolos usados em seu mundo podem ter significados diferentes no mundo dos informantes.
- u) O observador não deve fazer "traduções", tudo deve ser anotado conforme é dito.
- v) De início o observador deve fazer perguntas de formas a possibilitar aos informantes falarem sobre o que lhes interessa, sem forçá-los a responderem a questões que dizem respeito a suas preocupações.
- x) Nunca dê a impressão de que entendeu tudo o que foi dito. Encoraje sempre o informante a falar mais com perguntas tais como "Como assim?", "O que você quer dizer?", "não entendi bem".
- y) Quando você não entender bem, expresse sua maneira de entender e espere confirmação.
- z) Manifeste sempre seu interesse pelo que está ouvindo. Tente não interromper quando você achar que o que está sendo dito não interessa muito.

### 3.2.3 Como Recordar e Registrar os Dados

- a) Procure "palavras-chaves" nos comentários dos informantes, em

- tretanto não esqueça que você está preocupado com a significação das coisas.
- b) Concentre no primeiro e último comentários em cada conversação. Uma conversação segue geralmente uma sequência lógica.
  - c) Deixe o local logo que perceber que já observou o máximo que pode lembrar com exatidão.
  - d) Registre suas observações imediatamente após deixar o local.
  - e) Não fale com ninguém a respeito de suas observações antes de registrá-las.
  - f) Trace um "croquis" do local e tente marcar seus movimentos através dele. Isto impedirá que você eventualmente esqueça de observar aspectos importantes.
  - g) Uma vez traçado o diagrama físico do local e marcado seus movimentos destaque as ocorrências e conversações que aconteceram em cada ponto no tempo antes de fazer o registro do trabalho de campo.
  - h) Procure recordar partes de dados passados que você tenha por acaso esquecido. Observadores muitas vezes lembram eventos ou conversações dias ou até semanas depois de terem feito suas notas.
  - i) As pessoas assim como os locais e as atividades, devem ser cuidadosamente e precisamente descritas sem conotações avaliativas.
  - j) Os aspectos acessórios dos diálogos devem ser registrados: gestos, comunicações não-verbais, tom de voz; a rapidez do discurso assim como os padrões gerais da conversação de alguém dizem mais sobre o significado das palavras.
  - l) Outras técnicas de pesquisa (questionário, entrevista, exame de documentos), podem ser usadas concomitantemente com o trabalho de campo a fim de obter-se uma maior compreensão do local.
  - m) Após certo tempo (2 ou 3 meses), uma pausa na observação intensiva pode ser frutífera para colocar-se as idéias no lugar, para ver as coisas em perspectiva e para definir suas prioridades.
  - n) Quando os objetivos da pesquisa estiverem preenchidos suas questões respondidas e seus dados repetitivos, você deverá deixar o local ou, pelo menos, diminuir a fase intensiva de obser-

vação.

- o) Alguns estudos podem durar desde algumas semanas a mais de um ano.
- p) Após o trabalho de campo o material de campo deve ser organizado e a análise imediatamente iniciada.

### 3.2.4 A Análise dos Dados

- a) O primeiro passo para a análise é a leitura sistemática de todas as notas de campo.
- b) Proceda à codificação dos tópicos de conversação recorrentes.
- c) A construção de tipologias ou esquemas classificatórios se constituem em ajudas úteis.
- d) Releia a literatura especializada relativa a seus interesses e busque pertinência na utilização dos conceitos analíticos e na explicação teórica.

Essas regras práticas serão, entretanto, letras mortas se o observador participante não possuir a paixão pelo tema, a curiosidade, a seriedade, a competência, e a perseverança, imprescindíveis em estudos que requeiram esta metodologia que, por ser a mais adequada ao conhecimento em profundidade do homem e de sua subjetividade, é também a mais penosa e a mais gratificante...

Não esqueçamos, porém, da vigilância epistemológica insubstituível, especialmente no caso de uma das técnicas mais vulneráveis ao erro, como a observação participante, valendo lembrar que ela pode estar presente:

a) na relação observador/observados e na ameaça constante de obliteração do primeiro em consequência de seu envolvimento na situação pesquisada, envolvimento que a distingue de outras técnicas; b) na impossibilidade de generalização dos resultados; por ser uma técnica que busca mais os sentidos do que as aparências das ações humanas ela coloca seus próprios limites, por exemplo, não pode pretender a abrangência do **survey** embora o supere em termos de profundidade dos dados; sua força é também sua fraqueza (17).

### 3.2 A Pesquisa Participante

A Pesquisa Participante representa uma tentativa de superação e

contestação de método científico tradicional no que concerne: a) à falta de neutralidade da ciência (18) comprovada no privilegiamento histórico dos frutos da tecnologia e do desenvolvimento às classes dominantes; na sua incapacidade de atuar efetivamente nem na diminuição das desigualdades sociais nem na minimização do sofrimento humano; b) à sua falta de objetividade, consubstanciada no modelo positivista transplantado das ciências naturais; na compartimentalização dos objetos de estudo e ausência de uma visão de totalidade da realidade social. Além destes dois pontos, que são mais recorrentes nas críticas dos participacionistas, insere-se também: c) a objeção à concepção de verdade absoluta da ciência; d) sua a-historicidade ou anti-historicidade que impede de dar conta dos movimentos sociais; e) a separação entre teoria e prática, o que inviabiliza a ação política libertadora; f) o corte entre sujeito e objeto da pesquisa.

Embora algumas das críticas levantadas sejam a nosso ver pertinentes (falta de neutralidade e de objetividade) qualquer contestação exacerbada em períodos agudos de contestação corre o risco de propiciar a perda de norteamentos e de parâmetros capazes de situá-las em perspectiva e discernir entre a crítica válida, os componentes ideológicos envolvidos e o conhecimento epistemológico e metodológico. Sem querer entrar em uma discussão dessa natureza, limito-me a uma tentativa de elaboração do perfil da Pesquisa Participante, vista através dos olhos de seus adeptos e de seus críticos (simpatizantes).

### 3.3.1 O que é a Pesquisa Participante (19)

Vejam algumas concepções:

Uma estratégia de conhecimento voltada para a resolução de problemas do mundo real... é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLENT) (20).

Aquela que privilegia a relação prática com a realidade social buscando nisto uma via de descoberta de manipulação da realidade. Caracteriza-se por compromisso ideológico-político ostensivo com o ob-

jeto da pesquisa, em função do qual se desfaz a condição de objeto, passando a instrumento importante na relação da proposta política do grupo estudado (DEMO) (21).

É voltada para as necessidades básicas do indivíduo e "... responde especialmente às necessidades de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios - as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas - levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior" (FALS BORDA) (22).

Investigação participativa é um conjunto de procedimentos operacionais e de técnicas que podem ser implementadas no interior de diferentes corpos teóricos e ideológicos, sendo que suas características específicas fazem dela uma ferramenta necessária para todos aqueles programas que buscam a participação dos setores populares na produção de novos conhecimentos (científicos) e em uma prática orientada a uma ação transformadora da sociedade. (GIANOTTEN E T. DE WITH) (23).

... é uma atitude de relação pesquisador-pesquisado (...) é uma disposição de estabelecer uma nova relação Eu-outro ou, se nós quisermos pensar politicamente: é um trabalho que resulta de um compromisso antecedente de trabalho do pesquisador com as práticas políticas populares, dos movimentos populares (...) mas que, sendo assim, não é necessariamente dialética, não é necessariamente funcionalista (...). Eu acho que uma nova crítica, sim, e a partir daí uma fertilização de teoria científica sim, mas uma teoria que, de repente, queira se apresentar como única e rejeitar todas as outras como furadas, eu acho uma grande ilusão (BRANDÃO) (24).

Creio que podemos suspender aqui nossos exemplos vez que aqueles apresentados já nos fornecem uma idéia significativa das convergências entre os autores; a Pesquisa Participante representa, pois:

- uma realização concomitante da investigação e da ação;
- uma participação conjunta de pesquisadores e pesquisados;
- uma proposta político-pedagógica a favor dos oprimidos (opção ideológica);
- um objetivo de mudança ou transformação social (25).

Seguindo o padrão utilizado na descrição da Observação Participativa

pante, vejamos como Bonilla et alii (26) operacionalizam uma Pesquisa Participante:

São duas suas principais etapas, o conhecimento de fora e o conhecimento de dentro. O primeiro é chamado de "modo de aproximação" e o segundo, de "conhecimento através da ação". O "modo de aproximação" inclui: a) conhecimento da área através de dados secundários; b) a inspeção ou reconhecimento da área (visita aos centros de trabalho, consultas a instituições, conversa com profissionais, visitas a sindicatos e cooperativas, entrevistas com sacerdotas); c) a identificação das classes, grupos sociais ou pessoas da região que sejam simpáticos à proposta e que possam vir a ser seus aliados; d) averiguar a existência de grupos políticos e suas formas de pressão e controle sobre os grupos organizados e suas realizações; e) a tentativa de uma análise primária e provisória das classes e da história e natureza de seus conflitos, com base no modelo de produção predominante, e as relações de produção e troca existentes; f) a identificação do tipo e natureza das lutas registradas na região ou promovidas no passado; g) a análise dos planos de desenvolvimento socioeconômico; h) um inventário das formas de controle social diretas ou indiretas pelo sistema vigente; i) um estudo das características culturais e étnicas da região, identificando os elementos que parecem ter desempenhado um papel relevante nas lutas sociais e reivindicativas. Estes passos resumem a primeira fase de conhecimento por parte do investigador, que é provisória, nem definitiva, nem completa. O passo mais importante é o conhecimento de dentro, mediante contatos e relações políticas que expressam seu compromisso com a causa dos grupos sociais identificados como "chaves". O "conhecimento através da ação" exige que o investigador militante tenha por objetivo a colocação de suas técnicas e conhecimentos à serviço de uma causa, que é, por definição, uma transformação fundamental da sociedade maior da qual o grupo ou comunidade fazem parte. Este compromisso implica metodologicamente no seguinte itinerário: a) a análise da estrutura de classes da região; b) a captação dos temas e enfoques prioritários, através dos grupos-chave, de acordo com seu nível de consciência ou de ação; c) a busca das raízes históricas das contradições que dinamizam a luta de classes na região; d) a devolução (grifo nosso) a esses setores ou grupos-chave, dos resultados da investigação, com vistas a atingirem maior clareza e eficácia em sua ação.

Estes procedimentos, segundo os autores, têm várias implicações práticas: a) os trabalhos são concebidos com os setores de base; b) a produção das técnicas

de pesquisa é feita para os setores populares, juntamente com eles; c) são requeridas formas adequadas de comunicação dos resultados, estabelecendo-se um novo "idioma" muito mais claro e honesto do que é costumeiramente usado por cientistas tradicionais; d) os conceitos e hipóteses encontram sua confirmação ou rejeição através do contato direto e indireto com a realidade e pela utilidade que demonstram ter nas mãos de setores e grupos-chave, considerados estratégicos para a transformação fundamental da sociedade. As decisões sobre investigação e ação não podem ser tomadas unilateralmente, de cima para baixo, mas sim em conjunto com os setores-chave efetivos ou potenciais. O método de estudo-ação leva, geralmente, ao que os autores chamam de "incentivação", ou seja, "quando o pesquisador militante, inserido em uma região ou comunidade, consegue determinar pontos de partida reais (níveis de consciência) para reivindicações que podem levar os esforços sucessivos da luta pela justiça (lutas cívicas, salariais, pela posse da terra, por serviços públicos, escolas, postos de saúde, etc.) até chegar a conflitos de classe orientados para mudanças mais fundamentais e estratégicas" (p. 147). Uma modalidade da técnica de "incentivação" é a "recuperação crítica", ou seja, a utilização, por parte dos pesquisadores dos elementos da cultura tradicional ou de instituições que, no passado, foram úteis para enfrentar os inimigos das classes exploradas, reativando-os nas lutas de classe do presente, dentro do princípio de utilização realista dos recursos disponíveis e de respeito ao nível de consciência política das populações.

Assim sendo, podemos arriscar uma síntese das principais características da Pesquisa Participante: a) um processo concomitante de geração de conhecimento por parte do pólo pesquisado e do pólo pesquisador; b) um processo educativo que busca a intertransmissão e "compartilhação" dos conhecimentos já existentes em cada pólo; c) um processo de mudança, seja aquela que ocorre durante a pesquisa - mudança imediata - seja aquela que busca a transformação das estruturas - mudança mediata - consubstanciada através de um compromisso político a favor dos oprimidos.

Se comparado com o pesquisador convencional, do pesquisador participante é exigido muito mais. Vejamos alguns dos seus atributos. Segundo a literatura, ele deve:

- ser um ouvinte atento das decisões dos movimentos populares;
- colocar-se a serviço da comunidade;

- ser um observador crítico e um participante ativo;
- representar a síntese entre o militante e o pesquisador-cientista social;
- ter domínio das questões teóricas e práticas de investigação;
- ter respeito pelas populações "objeto de estudo";
- dominar com maior rigor as técnicas de coleta de dados para apreender o real sem "forçá-lo";
- possuir conhecimentos interdisciplinares (política, história, antropologia, economia, geografia, sociologia, conhecimento, dinâmica de grupo, técnicas específicas de meio, educação popular);
- colocar-se "no lugar do outro" para melhor compreendê-lo.

Por ser ao mesmo tempo um processo de investigação, de educação e de ação, a Pesquisa Participante não pode obedecer a todos os parâmetros da pesquisa tradicional, um dos quais, a não-interferência do investigador no momento da coleta de informações, ou o zelo da não-contaminação, representa, para a pesquisa participante, a pré- conditória condição sine-que-non do processo educativo, um dos componentes da trilogia (investigação, educação, ação).

Se por este lado, a interferência do pesquisador participante é fundamental, por outro, ele não pode impor uma problemática à comunidade, ou seja sugerir um tema para o desenvolvimento de um processo de pesquisa participante, pois estaria ferindo a autonomia do grupo. A sua interferência neste caso seria danosa.

Gostaria também de chamar a atenção para o fator tempo. Considerando que um processo de "escuta" de uma comunidade ou grupo demanda muito tempo; considerando que um processo educativo - do tipo da maiêutica socrática ou do método Paulo Freire - que vise à conscientização de indivíduos é demorado, podendo levar anos por implicar mudança de valores, de mentalidade, de sentidos; considerando que o pesquisador participante deve se submeter ao ritmo da comunidade e às suas decisões (sem o que estaria adotando um procedimento manipulatório); considerando que a formação do pesquisador participante, acima referida, é mais longa do que a do pesquisador tradicional. Concluo, pois, que não é fácil nem rápido se desencadear um processo da natureza daquele exigido pela Pesquisa Participante.

Antes de decidir-se por ele, o profissional sério deve pensar nos males que poderão advir à população no caso dela ser deixada "no meio do caminho" sem assistência e sem apoio. Certamente que, na maioria dos casos, ela não é aconselhável, como método, para teses de mestrado e doutorado que têm limites temporais...

#### 4. REFLEXÃO FINAL

Deve ressaltar aqui somente alguns aspectos pontuais vez que penso ter discutido com suficiente clareza os dois tópicos que pretendi desenvolver aqui.

Só há uma resposta para as duas questões que coloquei no início sobre as supostas antinomias: métodos qualitativos/métodos quantitativos e pesquisa participante/outro método. Ela reside no seguinte:

- É a visão de mundo do pesquisador que determina seus interesses pelos diversos aspectos do real enquanto objeto de conhecimento.

- É o problema de pesquisa que determina o tipo de método e técnicas a serem adotados na pesquisa. O resto é preconceito e desconhecimento, porque a ideologia já está presente na visão de mundo e é inevitável...

#### 5. NOTAS

(1) Historicamente a análise histórico-estrutural tem sido relacionada aos teóricos da dependência de inspiração marxista.

(2) Vale aqui ressaltar a importância da História Oral como instrumento de coleta adequado a este tipo de análise. Para informações sobre os aspectos técnicos da História Oral assim como uma discussão epistemológica, ver W. Moss, Oral History Program Manual, Nova York, Praeger Publishers, 1974; Aspásia A. de Camargo "Uses of Oral and Life History: Working with the Political Elite". Trabalho apresentado no X CONGRESSO MUNDIAL DE SOCIOLOGIA, México, agosto de 1982; Tereza M. F. Haguette, Metodologias Qualitativas na Sociologia, Petrópolis, Vozes, 1987. Ver também o vol. 27, nº 1, 1984 da Revista Dados, que trata monograficamente da História Oral e da História de Vida.

- (3) Sobre a Observação Participante ver G. McAll e J. H. Simmons (ed.) Issues in Participant Observation, a Text and Reader. Massachusetts, Addison-Wesley Publishing Company, 1969; R. Bodgan, Participant Observation in Organizational Settings. Syracuse, Syracuse University Press, 1972; S. T. Bruyn, The human perspective in Sociology. The Methodology of Participant Observation, New York, Prentice-Hall, Inc. Inglewood Cliffs, 1966; Tereza M. F. Haguette, Metodologias Qualitativas na Sociologia, Petrópolis, Vozes, 1987. Neuma Aguiar, "Observação Participante e Survey: Uma Experiência de Conjugação". IN: Edison de Oliveira Nunes (org), A Aventura Sociológica, Rio, Zahar, 1978; W. Foot White, "Treinando a Observação Participante". IN: Alba Z. Guimarães (org), Desvendando Máscaras Sociais. 2. ed., Rio, Francisco Alves, 1986; E. R. Durban, A Reconstrução da Realidade, Ensaios 54, S. Paulo, Ática, 1978.
- (4) Sobre as técnicas da entrevista ver M. Zelditch Jr. "Some Methodological Problems of field Studies". IN: G.J. McCall e J.L. Simmons (ed), op. cit.; Michel Thiollent. Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. São Paulo, Polis, 1980; A. Cicourel, "Teoria e Método em Pesquisa de Campo". IN: A.Z. Guimarães (org) op. cit. Tereza M.F. Haguette, op. cit.
- (5) Imprescindível a leitura da Introdução de Howard Becker (ed. de 1966) ao clássico de Clifford Shaw. The Jack Roller para uma discussão das técnicas, vantagens e desvantagens da História de Vida. Ver também trabalhos clássicos que utilizaram exaustivamente a História de Vida: W.I. Thomas e F. Znaniecki. The Polish peasant in Europe and America. 2. ed., Nova York, 1927; Clifford Shaw. The Natural History of a Delinquent Career. Chicago, University of Chicago Press, 1931. Brothers in Crime. Chicago University of Chicago Press 1936; R. Bodgan (ed), Being Different: The Autobiography of Jane Fry, New York, John Wiley and Sons, 1974. Ecléa Bosí, Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo, BLCH, 1979. Aspásia A. Camargo e Walder de Gois. Meio Século de Combate; Diálogo com Cordeiro de Farias. Rio, Nova Fronteira, 1981.

- 171 para comentários e exemplificações deste tipo de análise.
- (7) Florestan Fernandes. A Condição d Sociólogo. São Paulo, Hucitec, 1978.
  - (8) Cf. Detalhes em Florestan Fernandes, op. cit. p. 104.
  - (9) Cf. F. Durhan, op. cit.
  - (10) J.D. Douglas (org) Introduction to Sociology, Situations and Structures. Nova York, The Free Press, 1973, p. 86.
  - (11) Cf. S.T. Bruyn, op. cit.
  - (12) Problems in Participant Observation. American Journal of Sociology (1955) 60,343-354.
  - (13) Citado por A. Cicourel, IN: A.Z. Guimarães, op. cit. p. 96.
  - (14) Op. cit. p. 13-20.
  - (15) Op. cit. p. 12.
  - (16) Cp. cit.
  - (17) T.M.F. Haguette, op. cit. p. 67.
  - (18) Cf. Paulo Freire, IN: C.R. Brandão (org) Pesquisa Participante. 3. ed., São Paulo, Brasiliense, 1983; O. Flás Borda, IN: C.R. Brandão, op. cit., M. Thiollent, Crítica Metodológica, Investigação social e Enquete Operária. São Paulo, Polis, 1980. Ver Maria Ozaniara da Silva e Silva, Refletindo a Pesquisa Participante. São Paulo, Cortez, 1986, para um levantamento exaustivo da teoria e das práticas da Pesquisa Participante na América Latina e no Brasil.

- (19) Para fins dessa descrição aceitamos os termos usados pelos autores, "pesquisa-ação" e "pesquisa participante", como intercambiáveis. Para uma tentativa de distinção ver M. Thiollent, op. cit. e T.M.F. Haguette, op. cit.
- (20) Metodologia da Pesquisa - Ação. São Paulo, Cortez, 1985.
- (21) Citado por Silva e Silva, op. cit. p. 50.
- (22) "Aspectos teóricos da Pesquisa Participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular". IN: Brandão, op. cit.
- (23) "Pesquisa Participante em um Contexto de Economia Camponesa". IN: C.R. Brandão (org) Repensando a Pesquisa Participante. 2. ed., São Paulo, Brasiliense, 1985.
- (24) Citado por Silva e Silva, op. cit. p. 46.
- (25) Para uma maior discussão ver T.M.F. Haguette, op. cit.
- (26) Citados por M.T.F. Haguette, op. cit. pp. 146-147.

Recebido para publicação em: 12/12/87.

